

FORMAS DE CONTROLE SOCIAL E OPRESSÃO DAS IDENTIDADES EM *A REVOLUÇÃO DOS BICHOS* (1945) E *1984* (1949), DE GEORGE ORWELL

WAYS OF SOCIAL CONTROL AND IDENTITY
OPPRESSION IN *A REVOLUÇÃO DOS BICHOS* (1945)
AND *1984* (1949) BY GEORGE ORWELL

**Maria Eduarda de Jesus Queiroz
Sousa**

Graduada em Letras Licenciatura em Língua Portuguesa,
Língua Inglesa e Literaturas pela Universidade Estadual
da Região Tocantina do Maranhão - Brasil.

E-mail: mariaeduardaqueiroz2001@gmail.com

ORCID iD: <https://orcid.org/0009-0001-5982-8027>

Yasmine Louro

Mestra em Letras pela Universidade Federal do Tocantins -
Brasil. Doutoranda em Letras na Universidade Federal do
Piauí - Brasil. Professora Assistente I na Universidade
Estadual do Maranhão - Brasil.

E-mail: yasminelouro@outlook.com

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-4951-3339>

Diana Barreto Costa

Doutora em Ciencias de la Educacion pela
Universidad del Norte - Paraguai. Professora
Associada I da Universidade Estadual da Região
Tocantina do Maranhão - Brasil.

E-mail: diana.costa@uemasul.edu.br

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-7499-1631>

Resumo: A presente pesquisa tem como objetivo analisar o discurso distópico recorrente nas obras de George Orwell, tendo como eixo a Linguagem que produz a Memória para interpretar a Imagem como elemento de manutenção para o controle social. Como metodologia, a Literatura Comparada Intra-autoral segundo Caravalhal (2006) foi utilizada, considerando sua utilização para o estudo da estética literária do autor. A fundamentação teórica se deu segundo os estudos de Fairclough (2001), que discorre sobre o discurso da narrativa e sua importância para as mudanças sociais; Halbwachs (1990), Ricoeur (2007) e Rossi (2010), autores que embasam os argumentos sobre os eixos de Memória, Identidade e Linguagem como instrumentos para a perpetuação do controle social. Como resultados, obtivemos que o discurso recorrente do autor em ambas as obras revela a importância que ele dá à escrita política, em como a sua crítica é necessária para que ele mesmo e outros entendam o cenário em que vivem e possam evitar contribuir para a implantação de um estado totalitário. Como considerações finais, indicamos que, para Orwell, posicionar-se socialmente e politicamente por meio do seu trabalho literário representava um compromisso ético, uma vez que o seu contexto social era repleto de repressão e desigualdade.

Palavras-chave: Controle social; Distopia; George Orwell

Abstract: This research aims to analyze the recurring dystopian discourse in George Orwell's works, having as its axis the Language that produces Memory to interpret the Image as an element of maintenance for social control. As a methodology, the Intra-authorial Comparative Literature according to Caravalhal (2006) was used, considering its use for the study of the author's literary aesthetics. The theoretical foundation was based on the studies of Fairclough (2001), who discusses the discourse of the narrative and its importance for social changes; Halbwachs (1990), Ricoeur (2007) and Rossi (2010), authors who base the arguments on the axes of Memory, Identity and Language as instruments for the perpetuation of social control. As a result, we obtained that the author's recurring discourse in both works reveals the importance he gives to political writing, in how its criticism is necessary for him and others to understand the scenario in which they live and to be able to avoid contributing to the implementation of a totalitarian state. As final considerations, we indicate that, for Orwell, positioning himself socially and politically

through his literary work represented an ethical commitment, since his social context was full of repression and inequality.

Keywords: Social control; Dystopia; George Orwell

1 Introdução

O livro *A revolução dos bichos*, de George Orwell, publicado em 1945, apresenta uma fábula satírica. A história se passa em uma fazenda chamada Granja do Solar, a qual pertence ao fazendeiro Sr. Jones, um homem comum que faz uso da produção animal para benefício próprio. Certo dia, um velho porco chamado Major reúne toda a bicharada da referida Granja para discursar sobre uma visão que lhe ocorreu, a qual apresentava um futuro livre da opressão humana e que serviu de inspiração para que os animais se rebelassem contra o Sr. Jones.

Liderados pelos porcos Bola de Neve e Napoleão, os animais iniciam uma rebelião expulsando toda a família Jones da fazenda, tomando então o controle do local. Livres dos humanos, os animais se veem responsáveis por cultivar e plantar para que usufruam do seu próprio trabalho sem a interferência humana. Com o controle do poder, os porcos passam a ser privilegiados em detrimento dos demais bichos. Eles reescrevem os sete mandamentos antes criados em benefício de todos os animais, sem nenhuma desigualdade, para os manipularem. Dessa forma, os porcos vão se igualando aos humanos que tanto professavam desprezar e toda a revolução em busca de liberdade torna-se vã.

A obra *1984*, do mesmo autor, é um romance distópico publicado em 1949. O seu

enredo é baseado na projeção futurística de uma sociedade totalitária chamada Oceania, controlada por um Estado que tem como líder o enigmático Grande Irmão. A história é narrada no ano de 1984 e centraliza sua narrativa sob a perspectiva do protagonista Winston Smith, funcionário do Estado que trabalha no Ministério da Verdade, responsável por reescrever a história para atender aos interesses do partido. Além de introspectivo, Winston é uma figura trágica que começa a questionar o sistema opressivo em que vive e, por isso, sofre as consequências.

Apesar de ter sido escrito quase quatro décadas antes do ano de *1984* (1949), a obra foi considerada visionária porque antecipou muitos dos problemas que a sociedade enfrentaria com o aumento do uso da tecnologia e da vigilância governamental. Trata-se de uma obra atemporal e, assim como *A revolução dos bichos* (1945), também possui relevância diante da conjuntura política mundial e desperta debates sobre como os problemas da sociedade contemporânea são os mesmos escritos por Orwell, visto que apenas se atualizam com o passar dos anos.

George Orwell, pseudônimo de Eric Arthur Blair, foi um escritor britânico que se tornou conhecido pelas obras distópicas e satíricas que marcaram a literatura do século XX. Nascido em 1903, na Índia Britânica, foi testemunha de eventos históricos, como as duas guerras mundiais e a ascensão do Totalitarismo na Europa. As suas experiências como policial colonial na Birmânia e como combatente na Guerra Civil Espanhola moldaram as suas opiniões políticas e sociais,

refletidas em obras como *A revolução dos bichos* (1945) e *1984* (1949). Orwell é reconhecido por sua crítica ao autoritarismo, à manipulação da linguagem e aos perigos do poder excessivo, tornando-se um dos escritores mais importantes e influentes do século passado.

Uma vez que ambos os livros referidos possuem temáticas semelhantes, como o controle social por meio da revisão da história e a manipulação da linguagem, desenvolvemos uma relação comparativa entre as duas obras e analisamos tais temas que são recorrentes na estética literária do autor. Assim sendo, essa pesquisa fundamenta-se na Literatura Comparada, especificamente em seu aspecto intra-autoral, a fim de analisar como esse discurso distópico é recorrente para o autor, como é construído nas duas obras, qual a importância da sua recorrência, evidenciando como os eixos de Memória, Identidade e Linguagem são elementos utilizados para a perpetuação da manipulação coletiva.

A literatura desempenha um papel essencial na sociedade, ultrapassa a sua função estética e torna-se uma ferramenta eficaz para compreender e refletir sobre a complexidade humana. Ela desafia, questiona e provoca, desperta o pensamento crítico e gera discussões sobre questões sociais, culturais e estéticas. Em razão disso, compreende-se que Orwell não só criou literatura no sentido de narrar ficionalmente a realidade do cenário político estabelecido em sua época, como também interagiu com esse contexto, preocupando-se em mostrar seu próprio posicionamento político por meio da distopia.

É justamente o discurso temático abordado nas obras do autor que será analisado e fundamentado pela literatura comparada sob a lente intra-autoral, uma vez que busca comparar e compreender a intencionalidade em recorrer a temas semelhantes nas obras de um único autor. Assim como afirma Carvalhal (2006, p. 54-55),

toda intenção está carregada de uma intencionalidade certa: quer dar continuidade ou quer modificar, quer subverter, enfim, quer atuar com relação ao texto antecessor. A verdade é que a repetição, quando acontece, sacode a poeira do texto anterior, atualiza-o, renova-o, e (por que não dizê-lo?) o reinventa.

Dessa maneira, a comparação e a análise de obras do mesmo autor proporcionam uma visão privilegiada das transformações estilísticas, temáticas e narrativas em sua obra. Além disso, a literatura comparada intra-autoral possibilita a compreensão das motivações e respostas do autor perante as transformações sociais. Por conseguinte, o discurso político de Orwell concedeu à literatura um potencial de resistência e emancipação e permanece provocando na sociedade análises e debates a respeito de sua contribuição ao cânone literário.

Portanto, essa pesquisa é relevante porque viabiliza o estudo da estética literária de um autor, revelando padrões, evoluções e continuidades na sua expressão literária, oferecendo ao leitor uma compreensão mais profunda a respeito das obras literárias, além de enriquecer a experiência intelectual e a consciência cultural. Ademais, estabelece conexões entre ficção e realidade e alerta o

leitor sobre os perigos que podem recair sobre a conjuntura política social. Logo, é feito o questionamento que norteará esta pesquisa: como é abordado e compreendido o discurso ideológico do autor e qual a sua relevância para a sociedade e para a tessitura política?

A presente pesquisa tem como objetivo geral apresentar e analisar o discurso distópico recorrente do autor nas obras analisadas, e como os eixos de Memória, Identidade e Linguagem são utilizados como elementos para a perpetuação do controle social. O controle social por meio da revisão da história e manipulação da linguagem é um dos temas ao qual Orwell recorre para a criação de seu estilo literário, engajado na crítica à uma sociedade oprimida e fortemente vigiada por regimes totalitários, e os conceitos de Memória, Identidade e Linguagem encontram-se interligados no tema alvo de análise, por isso serão pautados na pesquisa sob a ótica de Rossi (2010) e Halbwachs (1990) e Ricoeur (2007).

A metodologia da presente pesquisa se constituirá a partir da revisão bibliográfica de artigos sobre o tema e de autores como: Carvalhal (2006), Kristeva (1969), Fairclough (2001), entre outros. Trata-se, portanto, de uma pesquisa descritiva, que busca descrever um fenômeno ou situação em detalhe, especialmente o que está ocorrendo, permitindo abranger, com exatidão, as características de um indivíduo, uma situação, ou um grupo, bem como desvendar a relação entre os eventos.

Para isso, o presente artigo é dividido em duas seções: na primeira, *Memória*,

Identidade e Linguagem Como Instrumentos para a Perpetuação do Controle Social, discorreremos sobre como tais temas são trabalhados na obra de George Orwell; e na segunda, *A Estética Literária e o Discurso Político de Orwell: Um Compromisso Ético*, abordaremos a obra em uma análise imanente. A análise das obras de George Orwell sob a perspectiva intra-autoral revela a profunda coerência temática e estilística presente em seu trabalho, especialmente no que se refere ao controle social, manipulação da linguagem e distorção da memória.

Ao estudar "A Revolução dos Bichos" e "1984" através dos eixos de Memória, Identidade e Linguagem, percebemos como Orwell construiu um discurso literário engajado que transcende o contexto de sua época, oferecendo uma crítica atemporal aos perigos do totalitarismo. A relevância desta pesquisa reside na sua capacidade de iluminar as continuidades e transformações na obra de Orwell, contribuindo para uma compreensão mais ampla do impacto social e político de sua literatura. Essa abordagem não só enriquece o estudo acadêmico das obras, mas também oferece ao leitor uma reflexão crítica sobre as implicações éticas e sociais do poder e da manipulação nas sociedades contemporâneas.

2 Memória, identidade e linguagem como instrumentos para a perpetuação do controle social

A memória individual e a coletiva, segundo Halbwachs (1990, p. 25), depende uma da outra, pois "se nossa impressão pode

apoiar-se não somente sobre nossa lembrança, mas também sobre a dos outros, nossa confiança na exatidão de nossa evocação será maior, como se uma mesma experiência fosse recomeçada, não somente pela mesma pessoa, mas por várias". Assim, conservar uma memória torna-se mais fácil quando é coletiva e registrada de alguma maneira. O que acontece em *A revolução dos bichos* (1945) e *1984* (1949) é exatamente a extinção da memória coletiva quando todos os registros históricos são manipulados. Nem mesmo a memória individual pode ser resguardada, visto que ela não mais possui confiança na exatidão das evocações.

A Identidade é construída a partir da memória. São as origens de uma pessoa e a influência cultural que recebe desde o seu nascimento à fase adulta que servirão de fundamento para o desenvolvimento de sua identidade, incluindo a sua perspectiva de futuro, considerando o que afirma Baldwin (1962 *apud* Rossi, 2010, p. 25):

enquanto nos recusarmos a aceitar o nosso passado, em lugar nenhum, em nenhum continente, teremos um futuro diante de nós (...). Tenha consciência de suas origens: se conhecer suas origens, aí não haverá limites que você não possa superar

Em *A revolução dos bichos*, é visto que os animais da fazenda perdem consciência de suas origens no decorrer da história, e isso impede que eles façam um julgamento comparativo entre os tempos antes e depois da Revolução, restando-lhes permanecer sob o jugo pesado dos porcos, seus companheiros na rebelião, sem outra perspectiva de futuro. O

livro *1984* também passa por essa linha de raciocínio, uma vez que os registros históricos são revisados constantemente pelo Partido. Apaga-se da memória coletiva os verdadeiros indícios de suas origens, e por meio da Polícia do Pensamento, punindo o indivíduo por tentar resgatar o direito de conservar a sua própria identidade fugindo da linha de pensamento da figura do Grande Irmão.

A linguagem é uma ferramenta auxiliar como mediadora entre o homem e o meio, e também age como ferramenta para a preservação da memória, “ela traz em si conceitos elaborados e generalizados pela cultura humana que, como memória coletiva, farão parte da memória individual do ser” (Costa, 2013, p. 260). É através dela que os aspectos culturais, os fatos históricos e as experiências são registradas e transmitidas entre as pessoas, de geração em geração. Nas obras analisadas, a linguagem é transformada em um mecanismo de controle social, recorrendo às mudanças de lemas e discursos, à implantação do Novidioma, um pequeno grupo de líderes detém a concentração extrema de poder, implantando na mente de seus subordinados a ideologia que convém.

Ricoeur aborda em seu livro *A memória, a história, o esquecimento* (2007), sobre o uso e o abuso da memória, que o mau uso resulta no abuso, o qual está diretamente ligado à “ambição de domínio” para o alcance de um determinado objetivo. O autor divide os abusos da memória em uma tipologia. Destaca-se nesta pesquisa os abusos da memória natural, a qual o autor dividiu em três pontos: “memória impedida”, que aborda o plano

patológico-terapêutico quando se trata de pacientes que tiveram sua memória impedida por algum ferimento, traumatismo ou enfermidade, e quando a cura para essas patologias não acontece a memória é considerada impedida; a “memória manipulada” tende a ser usada como viés ideológico para manipulação das identidades individual e coletiva; e a “memória comandada” de modo abusivo se encontra no plano ético-político, quando é imposta como obrigação. Sendo assim, é a partir do segundo ponto esquematizado por Ricoeur (2007) que está sendo analisado o uso da memória nas obras já citadas, considerando que em ambas ocorre os abusos da memória “que resultam de uma manipulação consertada da memória e do esquecimento por detentores de poder” (Ricoeur, 2007, 93).

Rossi, em seu livro *O passado, a memória e o esquecimento* (2010), discorre sobre os assassinos da memória, sendo eles aqueles que trabalham em favor do apagamento e do olvido (esquecimento), os quais estão presentes no desejo de impedir que as ideias circulem e se afirmem, no desejo de limitar e fazer calar. Dessa forma, o autor afirma que a história do século XX está cheia de apagamentos, responsáveis por muitas censuras e ocultações:

obras inteiras de história foram reescritas, apagando os nomes dos heróis de um período; catálogos editoriais foram mutilados, assim como foram subtraídas fichas nos catálogos das bibliotecas; foram publicados livros com conclusões diferentes das originais, passagens foram retiradas, textos foram montados em analogias numa ordem favorável a documentar filiações ideais inexistentes ortodoxias políticas imaginárias (Rossi, 2010, p. 33).

Isso reafirma que o discurso de Orwell não foi tão longe com a narrativa de *1984* e *A revolução dos bichos*. Os acontecimentos que deram lugar à uma sociedade totalitária são representações visionárias do futuro, e mesmo do presente, em que Orwell se encontrava. Os apagamentos não ocorrem apenas com a intenção de eliminar o que se deseja, mas também na destruição dos fatos que evidenciam a ocorrência de tal eliminação, em concordância com o que afirma Rossi (2010, p. 33):

primeiro, foram queimados os livros. Depois, foram eliminados das bibliotecas, na tentativa de eliminá-los da história. Primeiro, foram eliminados inúmeros seres humanos, depois, tentaram apagar os apagamentos, negar os fatos, obstaculizar a reconstrução dos eventos, vetar a contagem das vítimas, impedir a lembrança

O Holocausto, por exemplo, foi um período sombrio da história na época da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), quando milhões de judeus foram assassinados pelo nazismo de Hitler, com a justificativa de supremacia da raça ariana (branca). Esse genocídio teve como objetivo a destruição de um povo e toda a sua história, apagando da memória a sua existência e os rastros desse apagamento: “como quer que termine esta guerra, a guerra contra vocês vencemos nós; nenhum de vocês viverá para dar testemunho, mesmo que alguém escapasse, o mundo não acreditaria em vocês” (Wiesenthal, 1970, apud Rossi, 2010, p. 33), essa é uma admoestação dos chamados algozes dos judeus. Ainda assim, existem aqueles que negam a veracidade dos

fatos que comprovam o Holocausto, atenuando o crime com justificativas de interesses políticos. Felizmente, não conseguiram eliminar todos os registros históricos acerca desse acontecimento, e assim todos podem ter acesso aos fatos.

Orwell viveu na época desses eventos históricos, e isso o impulsionou a escrever sobre tais assuntos com a intenção de denunciá-los e deixá-los registrados para que sua posteridade pudesse ter conhecimento dos acontecimentos do passado. O historiador Yosef Hayim Yerushalmi discursou o que segue em um seminário na França, em junho de 1987:

no mundo em que vivemos, o problema a ser enfrentado não é mais só o declínio da memória coletiva e o conhecimento cada vez menor do passado; é a violação brutal do que a memória ainda conserva, a distorção deliberada dos testemunhos históricos, a invenção de um passado mítico construído para servir ao poder das trevas. Somente o historiador, com sua rigorosa paixão pelos fatos, pelas provas e pelos testemunhos, pode realmente montar a defesa contra os agentes do olvido, contra os que reduzem documentos a farrapos, contra os assassinos da memória e os revisores das enciclopédias, contra os conspiradores do silêncio (Yerushalmi, 1990, apud Rossi, 2010, p. 36).

As afirmações de Yerushalmi são tão necessárias quanto suscitar a reflexão sobre a importância da preservação da memória histórica, uma vez que ela se caracteriza como um ponto de partida para as gerações futuras, mas também serve como um alerta a partir de quais pontos não se deve partir, para que erros do passado não se repitam. Portanto, refletir criticamente acerca da Memória, Identidade e

Linguagem na formação de sociedades e na resistência ao controle opressor também se faz imprescindível, e esses elementos devem ser vistos e analisados como um conjunto, em razão de estarem entrelaçados na construção da experiência humana. A memória garante a continuidade da identidade individual e coletiva, como também enriquece a linguagem, tornando-a uma ferramenta viva e dinâmica para a perpetuação das memórias coletiva e individual.

3 A estética literária e o discurso político de Orwell: um compromisso ético

Eric Arthur Blair (1903-1950), mais conhecido pelo pseudônimo de George Orwell, nasceu em Montihari - Bengala, Índia Britânica, no dia 25 de junho de 1903. Orwell era filho de um funcionário público a serviço da coroa e sua mãe era filha de um comerciante francês, e em 1911, mudou-se com a família para Sussex, Inglaterra. O seu nascimento foi marcado pela época em que o poder do Império Britânico encontrava-se no auge. Para Ferreira (2015, p. 124),

era o tempo do novo imperialismo, do fardo do homem branco, da missão civilizadora atribuída pela Providência, da superioridade racial supostamente comprovada pelos princípios do darwinismo social, e ainda do 'imperialismo construtivo', de Joseph Chamberlain.

Ao atingir certa maturidade, Orwell se sentiu inclinado a participar ativamente das questões sociais que o rodeavam e despertavam-lhe algum tipo de indignação, certo de que precisava sentir na pele o que a

classe operária sentia, como era viver sob a perspectiva de pessoas que eram inundadas pelas ondas de desigualdade social. Desse modo, apesar de pertencer à uma família de classe média baixa, estava mais distante da realidade das classes mais pobres, então decidiu-se por viver sozinho na França, onde passou a lavar pratos e a fazer qualquer coisa que o mantivesse vivo. Logo após isso, voltou para Londres e decidiu viver como mendigo, e a partir dessas experiências inspirou-se para escrever *Na pior em Paris e Londres* (1933), seu primeiro livro. As suas experiências ativas em várias camadas e aspectos políticos da sociedade, em combates contra regimes totalitários, como na luta contra o totalitarismo de Franco, que ocorreu na Espanha, em 1936, conferiu a Orwell ideias engajadoras para escrever ensaios e livros que fizeram dele um dos escritores contemporâneos mais estudados em instituições de ensino.

Em seu ensaio *Por que escrevo* (1946), George deixa claro quais são as quatro razões que impulsionam um escritor a escrever, destacam-se dentre elas o "impulso histórico", que se trata da vontade de escrever os fatos históricos realmente como eles acontecem, deixando registrado para conhecimento das futuras gerações; a outra razão é o "propósito político", que se encontra na vontade de apresentar ideias para influenciar o mundo em determinada direção, ou até mesmo moldar a ideia das pessoas para o tipo de sociedade pela qual devem lutar. Orwell (1946, p.04) afirma que "nenhum livro é genuinamente livre de inclinação política", por isso é importante que

se entenda que a arte e a política andam juntas, por intermédio da primeira a segunda se expressa de maneira representativa e cultural.

Por viver em uma época conturbada e cheia de tensões políticas como as Guerras Mundiais e a Guerra Civil Espanhola, Orwell precisou tomar uma decisão firme sobre a sua orientação política, e isso gerou nele a necessidade de fazer da escrita política uma arte, como forma de deixar a sua contribuição para a sua geração e as que viriam. Para ele, a sua escrita deveria carregar sentido e propósito. Nas palavras de Orwell (2006, p. 6),

parece-me sem sentido, num período como o nosso, pensar que alguém pode evitar escrever tais assuntos. Todos escrevem acerca deles de uma maneira ou de outra. É simplesmente uma questão acerca do lado que se toma e do caminho que se segue. E quanto mais alguém está consciente da sua inclinação política, mais hipóteses tem de agir politicamente sem sacrificar a sua integridade intelectual e estética.

Sendo assim, ele se comprometeu a carregar em sua literatura a responsabilidade de informar e alertar a sociedade acerca dos poderes políticos que ameaçavam a liberdade coletiva e individual, por meio de conflitos armados e da ideologia implantada na mídia e na cultura. O seu escrever político, era, na verdade, um escrever consciente, entendendo que a literatura é um dos instrumentos de “salvação” de um povo ou a sua própria “destruição”, justamente porque o direito à informação e à criticidade é uma das características de um povo livre. Tavares, em seu livro *A escrita política de George Orwell* (2023), afirma o seguinte:

estamos diante de um dos poucos autores que se sujeitou a olhar ao seu redor e perceber o funcionamento da máquina imperial, ainda que bastante decadente, que era a Inglaterra nos anos 1930. Por conta disso, o olhar de Orwell sempre estará voltado para o elo mais fraco, aqueles que são explorados. E, portanto, sua literatura atua como um instrumento, cuja potência é capaz de trazer à tona toda a cadeia que sustenta o sistema onipresente do capital. O primeiro passo para a ruptura está na tomada de consciência, de forma que a mensagem artística alinhada com seu contexto histórico é capaz de mover aqueles enclausurados nas masmorras do proletariado (Tavares, 2023, p. 15).

Ao leitor das obras de Orwell, é concedida uma parte da visão traçada pelo olhar *orwelliano* a partir do entendimento de que a literatura opera como transformadora da sociedade. O seu olhar capta todos os aspectos da vida cotidiana da classe trabalhadora, apresentando em seus textos o ponto de vista dos que são colocados à margem da sociedade. Conforme Tavares (2023, p. 15),

(...) em seguida, o fio narrativo adentra profundamente nos aspectos mais mundanos da classe trabalhadora: os alimentos consumidos - o pão ressecado com a margarina gordurosa -, a configuração das habitações - as pensões úmidas e com odor de urina -, os caminhos feitos para o trabalho, o ritmo de vida lenta daqueles que guardam o apoio financeiro do governo, a saúde comprometida dos trabalhadores que respiram poeira de carvão mineral durante 16 horas diárias, a maneira como conversam, seus traços de linguagem, seu olhar perante à vida.

E assim Orwell denuncia a enorme desigualdade imposta pelas tiranias dos líderes políticos, através da narrativa de uma sociedade distópica baseada em seu contexto histórico e também em suas experiências

peçoais. Não obstante, as obras *A revolução dos bichos* (1945) e *1984* (1949), carregam justamente essa narrativa usada pelo escritor para apontar e criticar os problemas de uma sociedade dominada pelo poder do Estado totalitário. A distopia é um gênero literário carregado pelo pessimismo dinâmico e ativo, “a distopia, portanto, geralmente se localiza em um futuro deformado do nosso próprio mundo” (Baccolini; Moylan, 2003 *apud* Fernandes & Carvalho, 2021, p. 05).

O discurso recorrente do autor em ambas as obras revela a importância que ele dá à escrita política, em como a sua crítica é necessária para que ele mesmo e outros entendam o cenário em que vivem e possam evitar contribuir para a implantação de um estado totalitário. A revisão da história e a manipulação da linguagem constituem os temas em análise. Estão presentes em grande parte da estética literária *orwelliana* e são considerados estratégias para a perpetuação do controle social por parte da classe dominante.

4 A revisão dos sete mandamentos e a manipulação da linguagem em *A revolução dos bichos* (1945)

Em *A revolução dos bichos* (1945), Orwell opta pela fábula para construir um cenário onde os animais têm consciência e se reúnem para discutir sobre melhores condições de vida. A escolha por esse gênero se fez necessária para que o público leitor captasse a mensagem do autor sem muita dificuldade, “ao

voltar da Espanha, pensei em denunciar o mito soviético numa história que fosse fácil de compreender por qualquer pessoa e fácil de traduzir para outras línguas” (Orwell, 2007, *apud* Fernandes, 2023, p. 21). Orwell posicionou-se contra o Stalinismo, expondo, satiricamente, a Revolução Russa por meio de sua obra. A fazenda Granja do Solar, cujo proprietário é o Sr. Jones, a representação caricata do fazendeiro inglês que explora seus animais para benefício pessoal e econômico, trata-se do cenário onde ocorre toda a revolução dos animais.

Em uma certa noite, o velho porco chamado Major, que estava à beira da morte, reúne toda a bicharada para compartilhar o seu sonho revelador, com o objetivo de inspirar os animais a começarem uma mudança de vida radical, como visto a seguir:

Agora camaradas, qual a natureza desta nossa vida? Precisamos admitir: nossas vidas são miseráveis, laboriosas e curtas. Nascemos, ganhamos o mínimo de comida para nos manter funcionando, e aqueles entre nós que são capazes são forçados a trabalhar até o último pingão de energia; e, no instante em que nossa utilidade acaba, somos abatidos com uma horrível crueldade. Nenhum animal da Inglaterra sabe o que é felicidade ou lazer depois de fazer um ano de idade. Nenhum animal da Inglaterra é livre. A vida de um animal é miséria e escravidão: esta é a verdade nua e crua (Orwell, 2020, p. 08).

Em seu discurso de revolta, Major abre os olhos de seus companheiros e diz com convicção a resposta para todos esses problemas que os animais enfrentam:

Por que, então, continuamos nesta condição miserável? Porque quase todo o produto de nosso trabalho é roubado de nós pelos humanos. É esta,

camaradas, a resposta de todos os nossos problemas. Pode ser resumida em uma única palavra: Humanos. Os humanos são os únicos inimigos verdadeiros que temos. Remova os Humanos da equação e a raiz da fome e do trabalho excessivo é abolida para sempre (Orwell, 2020, p. 08).

Dessa forma, instala-se na mente de todos os animais uma revolta, o desejo de derrubar a ‘raça humana’. O velho porco então expõe quais os princípios que todos os animais devem seguir, o que mais tarde é reunido em um sistema de pensamento completo, chamado de “Animalismo”, e volta a falar sobre o seu sonho, no qual se lembrou da canção que escutava de sua mãe quando era filhote. Tratava-se de uma canção chamada ‘Bichos da Inglaterra’, de melodia animada. Era uma espécie de hino dos animais, sua letra falava da libertação de todos os bichos: “chegará o dia em que o Humano Tirano será sobrepujado/ e nos férteis campos da Inglaterra só passeará o bicho, sossegado” (Orwell, 2020, p. 10). Os animais ficaram em extrema agitação, e juntos, irromperam em uma cantoria de ‘Bichos da Inglaterra’.

De fato, esse acontecimento gerou uma série de circunstâncias que viriam a desencadear a “revolução dos bichos” propriamente dita. Dentro de pouco tempo, por serem mais inteligentes que os demais, os porcos Napoleão e Bola de Neve tornaram-se líderes e encabeçaram a rebelião que expulsou o Sr. Jones e toda a sua família da fazenda. Feito isso, a Granja, que antes era chamada de Granja do Solar, foi renomeada pelos porcos como Granja dos Bichos, pois agora estava sob o seu

domínio. As regras do Animalismo foram ensinadas com muito afincamento e, logo após a vitória sobre os humanos, Bola de Neve resumiu essas regras em Sete Mandamentos, que inscreveu na parede com tinta branca, os quais diziam o seguinte:

OS SETE MANDAMENTOS [:] 1. Tudo o que anda sobre duas pernas é inimigo. 2. Tudo o que anda sobre quatro patas, ou tem asas, é amigo. 3. Nenhum animal deverá usar roupas. 4. Nenhum animal deverá dormir em cama. 5. Nenhum animal deverá beber álcool. 6. Nenhum animal deverá matar outro animal. 7. Todos os animais são iguais (Orwell, 2020, p. 21).

No entanto, com o passar do tempo, a ambição pelo poder de Napoleão o impulsionou a agir contra a vida de Bola de Neve, mas este conseguiu escapar da morte, fugindo da Granja dos Bichos. Ao assumir o poder de forma injusta, Napoleão extinguiu as assembleias onde os bichos se reuniam para debater os seus planos, determinando que ele e outros porcos tomariam todas as decisões para depois comunicar aos outros bichos, como visto em

no futuro, todas as questões relativas ao trabalho da fazenda seriam resolvidas por um comitê especial de porcos presididos por ele mesmo. o comitê se reuniria em particular, e depois comunicaria suas decisões aos outros. Os animais ainda se encontrariam nas manhãs de domingo, para saudar a bandeira, cantar ‘Bichos da Inglaterra’ e receber suas ordens para a semana; mas não haveria mais debates (Orwell, 2020, p. 44).

Assim, os acontecimentos que vieram em seguida consistiam em abuso de poder e manipulação da verdade. Napoleão punia

todos aqueles que infringiam as suas regras, inclusive com a morte, e todos os mandamentos passaram a ser revisados conforme os seus próprios interesses. Em uma manhã de domingo, quando os bichos se reuniram para receber suas ordens, Napoleão anunciou que havia definido uma nova política: a Granja dos Bichos passaria a fazer negócios com as fazendas vizinhas, para obter certos materiais que estavam em escassez e precisavam de reposição com urgência. Porém, os animais sentiram-se incomodados com tal decisão, mas não tinham certeza do porquê, como pode ser visto em

novamente, os animais tomaram ciência de uma vaga inquietude. Nunca negociar com seres humanos, nunca fazer comércio, nunca usar dinheiro - não eram essas as primeiras deliberações aprovadas naquela primeira assembleia triunfante, após Jones ser expulso? Todos os animais lembravam-se de terem aprovado tais liberações; ou, pelo menos, achavam que se lembravam (Orwell, 2020, p. 51).

Tais ações implicavam na ocorrência da revisão da história. Todos os princípios que regiam a história da revolução passaram a ser distorcidos, inclusive as intenções de Bola de Neve, que, mesmo não estando mais na fazenda, foi apresentado a todos os bichos como seu inimigo e aliado dos humanos. Mesmo que alguns animais ainda se lembrassem dos acontecimentos passados e tivessem argumentos contra as imposições de Napoleão, nada podia ser questionado, pois eles passaram a sentir medo de seu líder, que era escoltado por nove cães ferozes treinados para matar:

Os quatro jovens porcos que haviam protestado quando Napoleão abolira as assembleias ergueram a voz timidamente, mas foram silenciados de imediato por um tremendo rosnado dos cachorros. Então, como de costume, as ovelhas irromperam em uma cantilena de “quatro pernas: bom, duas pernas: mau!”, e o embaraço momentâneo foi superado (Orwell, 2020, p. 51)

A manipulação da verdade continuou a ser executada pelos porcos, que eram mais espertos e sabiam ler. Eles mantinham o controle e passaram a ter privilégios que não eram permitidos aos demais. Tudo o que era condenado pelos sete mandamentos iniciais foram relativizados em benefício dos porcos. A uma certa altura, os porcos faziam negócios com um homem chamado Sr. Whymper, e se mudaram para a casa da fazenda, onde estabeleceram residência e passaram a dormir em camas. Isso despertou novamente nos animais uma vaga lembrança sobre as primeiras deliberações, mas Garganta - porco porta-voz de Napoleão -, sempre os convencia do contrário. Quitéria, uma égua de tração, sentiu a necessidade de decifrar os mandamentos inscritos na parede, mas ela ao perceber que não conseguia ler mais que letras soltas, pediu a Maricota - uma cabra branca - que fizesse a leitura:

- Maricota - disse ela -, leia para mim o Quarto Mandamento. Não diz alguma coisa sobre nunca dormir numa cama?

Com um pouco de dificuldade, Maricota soletrou:

- Diz: “Nenhum animal deverá dormir em uma cama com lençóis; anunciou, finalmente.

Curiosamente, Quitéria não se lembrava de que o Quarto Mandamento mencionava lençóis; mas, já que estava escrito na parede, deveria ser assim (Orwell, 2020, p. 54).

É visto que a manipulação da linguagem também é uma arma poderosa nas mãos dos porcos, pois eles sabem que grande parte dos animais não conseguem ler, por isso estabelecem uma escola para que somente os porcos recebessem educação desde filhotes. Assim, torna-se mais fácil para eles manipularem os mandamentos, pois todos acreditam no que lhes é falado e no que está escrito, mesmo que este seja modificado.

A memória dos bichos é distorcida, aos poucos cada resquício dos fatos como realmente aconteceu são apagados, posto que não há nenhuma prova registrada que sustente tais lembranças. Assim, Garganta mentia descaradamente sobre todo o funcionamento da granja e a produção dos animais, inventando resultados que não condiziam com a realidade:

nas manhãs de domingo, Garganta, segurando uma longa folha de papel na pata, lia para eles listas de números, provando que a produção de todo tipo de alimento havia aumentado duzentos por cento, trezentos por cento, ou quinhentos por cento, conforme o caso. Os animais não viam motivo para duvidar dele, especialmente porque não conseguiam se lembrar com muita clareza de como eram as condições antes da Rebelião (Orwell, 2020, p. 72).

A desigualdade entre os porcos e as outras espécies de animais aumentava cada vez mais, enquanto os outros animais eram considerados inferiores e eram incentivados a trabalhar arduamente sem parar, convencidos de que estavam fazendo isso para o bem de todos e no fim, eles seriam os beneficiados e não os humanos. Os porcos desfrutavam de

privilégios que pertenciam apenas à raça humana: moravam na casa da fazenda, dormiam em camas, bebiam álcool, faziam negócio com os humanos, e realizavam tudo o que era contrário aos sete mandamentos; inclusive assassinar outros animais, seus próprios companheiros:

antigamente, costumava haver várias cenas de derramamento de sangue, igualmente terríveis, mas todos achavam que era muito pior agora, porque acontecia entre eles mesmos. Desde que Jones partira até aquele dia, nenhum animal matara outro animal. Nem mesmo um rato tinha sido morto (Orwell, 2020, p. 67).

Conforme os anos iam se passando, tudo foi mudando. A curta vida dos animais passava voando, até chegar numa época em que quase ninguém se lembrava dos tempos antigos, antes da Rebelião. Os únicos que ainda possuíam lembranças eram Quitéria, Benjamin, um burro, o corvo Moisés e alguns dos porcos. A nova geração de animais que nascia na fazenda entendendo que a Rebelião era apenas uma tradição antiga transmitida oralmente. Os outros que eram comprados sequer haviam ouvido sobre tal acontecimento antes de sua chegada. A verdade é que a Granja dos Bichos - que posteriormente passou a ser chamada de Granja do Solar novamente por causa dos porcos - estava mais próspera e organizada, e os porcos também adeririam à tecnologia humana para facilitar um pouco da produção para lucros monetários.

Contudo, os animais ainda trabalhavam duro em construções de moinho, e nenhum dos direitos que os porcos tinham englobavam a grande parte dos animais que eram

explorados. Eram bichos ignorantes, muito mais do que quando estavam sob a tutela do Sr. Jones. Enquanto os porcos passavam por um processo de antropomorfização, as outras espécies, mesmo tratando-se de animais, pareciam ser cada vez mais animalizadas. E, por fim, chega o momento em que os porcos cumprem o ápice de sua corrupção moral, tornando vãs as razões pelas quais todos se empenharam na luta pela liberdade por meio da Revolução. Enquanto os porcos estavam vestidos com roupas humanas, caminhando sobre duas patas, comemorando uma vantajosa - mas não permanente - aliança com aqueles que um dia professaram odiar, “as criaturas do lado de fora olhavam de um porco para um homem, e de um homem para um porco, mas era impossível dizer quem era homem, quem era porco” (Orwell, 2020, p. 108).

5 Como ocorre a revisão da história e a manipulação da linguagem em 1984 (1949)?

A obra 1984 (1949), último romance escrito por Orwell alguns meses antes de morrer - em 1950, vítima da tuberculose -, é considerada um dos romances mais célebres e influentes do autor, e “continua sendo uma das advertências mais poderosas já emitidas contra os perigos de uma sociedade totalitária” (Brizzoto, 2017, p. 41). A narrativa se passa em uma Londres que não pertence mais à Inglaterra, onde é apresentada a história de Winston Smith, um homem de meia idade que vive em uma sociedade sob constante

vigilância governamental, liderada pela figura onipresente do Grande Irmão:

o apartamento ficava no sétimo andar, e Winston, que tinha 39 anos e uma úlcera varicosa acima do tornozelo direito, subia devagar, descansando muitas vezes ao longo do caminho. Em cada hall, em frente ao poço do elevador, aquele rosto enorme do cartaz na parede o observava. Era um desses retratos feitos de tal modo que os olhos seguem a pessoa quando ela se mexe. A legenda abaixo informava: O Grande Irmão está vigiando você (Orwell, 2021, p. 09).

Imposto pelo Partido INGSOC, Socialismo Inglês, em Novidioma, esse modelo de governo criou uma nação chamada Oceânia, em um mundo onde mais duas nações - Eurásia e Lestásia - viviam em constante conflito. O Estado da Oceânia sustentava-se sobre o seguinte viés ideológico: “Guerra é paz, Liberdade é escravidão, Ignorância é força”. A vigilância era executada por meio das “teletelas”, uma espécie de televisão inserida nos apartamentos como parte da mobília, mas também nas ruas e nos locais de trabalho:

pelos costas de Winston, a voz da teletela seguia tagarelando sobre o ferro-gusa e o excedente produtivo do Nono Plano Trienal. A teletela recebia e transmitia simultaneamente. Qualquer barulho que Winston fizesse, acima do nível de um sussurro muito baixo, era captado por ela; ademais, enquanto ele permanecesse no campo de visão alcançado pela placa metálica, seria visto e também ouvido. Obviamente, não havia como saber se você estava sendo observado em dado momento nem com que frequência, ou por qual sistema, pois a Polícia do Pensamento se conectava a um cabo específico (Orwell, 2021, p. 10-11).

Assim, o Partido mantinha a vigilância sobre todas as pessoas durante vinte e quatro

horas, desde os membros externos aos chamados “proletas”. Todo o conteúdo que era transmitido nas teletelas eram previamente pautados e manipulados, como as propagandas de guerra e os “dois minutos de ódio”, as exibições alienantes e as notícias de origem duvidosa ou totalmente falsas. Tudo isso contribuía para a manipulação das mentes e das identidades, fazendo com que todos se encaixassem no perfil do “otimismo tranquilo”, o que era aconselhado quando se estivesse de frente para a teletela. Além disso, o pensamento e o comportamento de cada cidadão de Oceânia também era controlado pela Polícia do Pensamento, que se infiltrava entre eles ou recebia alguma acusação dos Espiões - entidade do Partido composta até por crianças, alienadas para denunciar quem quer que fosse, até mesmo os seus pais -, e então eliminava aquele que recebesse a acusação de “pensamentocrime”: o crime de pensar ou questionar o que estava sendo imposto pelo Grande Irmão.

O sistema de governo de Oceânia era dividido em quatro ministérios: “Ministério da Verdade, que se ocupava de notícias, diversão, educação e artes; Ministério da Paz, que se ocupava de guerras; Ministério do Amor, que mantinha a lei e a ordem; e o Ministério da Fartura, que era responsável pelos assuntos econômicos” (Orwell, 2021, p. 12). Nesta pesquisa, será estudado o Ministério da Verdade, o qual era encarregado por revisar a história e disseminar informações falsas.

Como funcionário do Ministério da Verdade, mais especificamente do Departamento de Registros, Winston tinha a

função de reescrever os fatos históricos de acordo com a linha de ação do Partido. No entanto, dentro dele tornava-se latente o desejo de conhecer uma nova ordem, uma sociedade em que a liberdade não fosse a escravidão, um lugar onde a história fosse conservada e não destruída e reescrita várias vezes, e onde exercer os direitos mais básicos do ser humano não fosse proibido. Por isso, encontrou uma maneira de protestar contra aquele governo, mesmo que de maneira “silenciosa”, “ele estava prestes a inaugurar um diário, o que não era ilegal (na verdade, tudo era legal, uma vez que não existiam leis). Porém, se fosse descoberto, seria com razoável grau de certeza punido com a morte ou ao menos vinte e cinco anos em um campo de trabalhos forçados” (Orwell, 2021, p. 14).

É interessante que o narrador cita não ser ilegal ter um diário, por não haver leis, mas justamente por isso é que também não há critérios para as punições; se não há lei, não há ilegalidade, nem mesmo quando o Partido ameaça extinguir os direitos básicos e a liberdade individual de cada cidadão. Por longos anos, Winston sofreu dentro de si mesmo em um silêncio de ideias e inconformidades, e ao escrever em diário, pensou que alguém em alguma linha do tempo - posto que ele não sabia exatamente em qual tempo estava situado -, poderia ler os seus relatos, e assim entender quão sombrio foram os seus dias:

ao futuro ou ao passado, para uma época em que o pensamento seja livre, quando os homens forem diferentes uns dos outros e não viverem sozinhos; para uma época em que a verdade exista e o feito não possa ser desfeito: Da época da uniformidade,

da época da solidão, da época do Grande Irmão, da época do duplopensar: saudações! (Orwell, 2021, p. 35).

Era explícita a necessidade que o protagonista sentia em se manter lúcido, por isso que escrever era uma maneira de organizar e registrar os seus pensamentos, permitindo que o seu cérebro exercitasse um pouco da memória e do juízo que ele possuía. Como um dia alguém saberia o que é ter o direito de ser humano, se todos já pensavam e agiam como fantoches em uma síndrome letárgica, e os registros históricos do mundo e de todas as suas transformações foram apagados e transformados em uma constante revisão do presente? “Quando não há registros externos para consultar, até o contorno da sua própria vida perde a nitidez” (Orwell, 2021, p. 40). Ele não sabia como tudo havia começado, possuía apenas lembranças desordenadas, mas sabia que o seu país sempre esteve em guerra, e esse foi o principal motivo por ter perdido a sua família:

tudo era diferente, então. Até os nomes dos países, seus formatos no mapa, eram diferentes. A Faixa Área Um, por exemplo, não tinha esse nome: era chamada de Inglaterra ou Bretanha, embora Londres, ele tinha certeza, tivesse sempre sido chamada de Londres. Winston não conseguia se lembrar com clareza de um período em que seu país não estivesse em guerra, mas era evidente que teria havido um intervalo razoavelmente longo de paz durante sua infância, porque uma de suas memórias mais antigas era a de um ataque aéreo que pareceu pegar todos de surpresa. Talvez fosse quando a bomba atômica caiu em Colchester (Orwell, 2021, p. 40).

Ao ler o livro, é possível inferir que tudo começou a partir de uma guerra resultante de uma possível revolução, comandada por uma liderança que impôs o seu governo depois de ter conseguido a confiança de boa parte do país, anunciando um governo de prosperidade e liberdade para todos:

tentou recordar em que ano havia escutado pela primeira vez uma mensão ao Grande Irmão. Talvez em algum momento nos Sessenta, mas era impossível ter certeza. Nas histórias do partido, é claro, o Grande Irmão aparecia como o líder e guardião da Revolução desde os primeiros dias. Suas proezas tinham sido paulatinamente deslocadas no tempo até que passaram a abranger o maravilhoso mundo dos Quarenta e dos Trinta, quando os capitalistas, com seus estranhos chapéus cilíndricos, ainda percorriam as ruas de Londres em carros a motor grandes e brilhantes ou em carruagens com laterais de vidro puxadas por cavalos (Orwell, 2021, p. 44).

A verdade é que as revoluções podem até tomar início com princípios que visam defender e cuidar de todos, mas a ambição pelo poder pode deturpar todo um ideal, em que serão estabelecidos privilégios a uma pequena parte que se considera superior. Foi o que aconteceu na obra *A Revolução dos Bichos* (1945), em um dado momento os porcos se colocaram acima de todos os outros animais e reescreveram os mandamentos para beneficiar apenas eles e relativizar as suas atitudes, construindo uma “sociedade” totalitária e injusta.

Como citado anteriormente, a revisão da história e a manipulação da linguagem, em 1984, ocorre por meio do Ministério da Verdade e da criação do Novidioma, os quais fazem parte do plano político de Oceânia para

manter o Partido no poder. Além do controle por meio da força física, manipular uma sociedade ideologicamente acaba se tornando mais eficaz, atacando-se o ponto fraco do ser humano: a sua própria mente. Quando não há mais palavras para criar e expressar pensamentos, ele atrofia e a criticidade cai em desuso. Assim, o ser humano é transformado em um robô programado limitadamente para servir e obedecer, sem nenhum questionamento:

- Você não percebe que o verdadeiro objetivo do Novidioma é estreitar o limite do pensamento? No final, vamos tornar o crime de pensamento literalmente impossível, porque não vão existir palavras pelas quais expressá-lo. Cada conceito que alguma vez tenha sido necessário será expresso por uma palavra, com seu significado rigidamente definido e todos os seus sinônimos alternativos eliminados e esquecidos, (...) mas o processo ainda vai continuar por muito tempo depois que você e eu tivermos morrido. A cada ano teremos menos palavras, e o alcance da consciência ficará sempre um pouco menor (Orwell, 2021, p. 61).

Por intermédio do Novidioma, o Partido conseguia reduzir a língua à migalhas e arrancar de cada pessoa a sua identidade e a sua memória individual e coletiva, tornando impossível a comunicação e a perpetuação da história e da cultura entre gerações. A variação linguística deixava de existir e a linguagem não era mais capaz de dar conta da expressão humana, ela havia se tornado um instrumento para o controle da realidade. Ademais, com o auxílio do revisionismo histórico, o Grande Irmão conseguiu transformar o mundo em uma espécie de videogame onde era possível

resetar o jogo e começar outro quantas vezes ele quisesse.

O Ministério da Verdade estava de olho em todo tipo de entretenimento, literatura ou documentação. Os seus funcionários trabalhavam para que os meios pelos quais exerciam a manipulação estivessem sempre de acordo com a ideologia do Partido, e também com as suas decisões em tempo real:

assim que todas as correções eventualmente necessárias em qualquer edição específica do *Times* fossem executadas e conferidas, aquela edição seria reimpressa: a versão original, destruída; e a nova substituiria a antiga nos arquivos. Esse processo era aplicado não apenas a jornais, mas a livros, revistas, panfletos, cartazes, folhetos, filmes, músicas, desenho, fotografias, a todos os tipos de literatura ou documentação que pudesse conter alguma significância política e ideológica. Dia após dia e quase minuto a minuto, o passado era atualizado (Orwell, 2021, p. 48-49).

Dessa maneira, o Grande Irmão sempre detinha a razão, não havia nenhum documento que pudesse contrariá-lo, pois “a evidência documental demonstraria que todas as previsões feitas pelo Partido estavam corretas; tampouco alguma notícia ou manifestação de opinião que colidisse com as necessidades do momento poderiam permanecer registradas” (Orwell, 2021, p. 49). Era fácil permanecer liderando uma sociedade na qual não havia ninguém habilitado para contestar a liderança. Nenhum registro que condenasse o Partido poderia ser encontrado, visto que “em um lugar ou outro, em sigilo, havia os cérebros dirigentes, que coordenam todo o esforço e estabeleciam as diretrizes políticas que decidiam qual fragmento do passado seria

preservado, falsificado ou apagado da existência” (Orwell, 2021, p. 51).

Os efeitos dessas ações foram eficazes para a aniquilação da memória histórica, Winston era a prova de que não era possível ter certeza da existência de algum conhecimento quando só existia em sua consciência. Se todos acreditassem no que era decretado pelo Partido e todos os registros descreviam a mesma história, então a mentira era integrada à História e se tornava legítima, “quem controla o passado controla o futuro: quem controla o presente controla o passado” (ORWELL, 2021, p. 42). A verdade que o Partido escolhia para o presente era verdade desde sempre e para sempre, não havia como contestar, tudo isso era “uma série infinita de vitórias sobre a própria memória. ‘Controle da realidade’, eles chamavam; em Novidioma, ‘duplopensar’”. Como uma tortura, o duplopensar trabalhava na perspectiva de se ter consciência sobre algo, mas mesmo assim agir com aquilo que a fere, e então mergulhar em um rio paradoxal sem fim.

Quando começou a escrever em seu diário, Winston sabia que o proletariado possuía um maior potencial para combater o Partido, pois eram eles a quem o Grande Irmão mais se preocupava em manipular. Por isso, o Ministério da Verdade não apenas tabalhava para suprir as várias demandas do Partido, mas também se preocupava em reproduzir todo o material criado em um nível mais baixo, para o benefício dos “proletas”:

havia uma cadeia separada de departamentos lidando com literatura, música, teatro e diversão proletária no geral. Ali eram produzidos jornais tacanhos que não continham quase nada exceto

esporte, crime e astrologia, folhetins sensacionalistas baratos, filmes com cenas apelativas de sexo e canções sentimentais compostas inteiramente por meios mecânicos em um tipo de caleidoscópio distinto conhecido como versificador. Havia uma subseção (*Spornô*, em Novidioma) direcionada à produção do tipo mais baixo de pornografia, enviado em pacotes selados e que nenhum membro do Partido, além dos envolvidos, tinha permissão de ver (Orwell, 2021, p. 52).

Todo esse material era usado para manter as mentes daqueles que integravam mais de oitenta por cento da população de Oceânia, anestesiada, “mas os proletários, se ao menos se tornassem conscientes da própria força, nem precisariam conspirar. Bastava se levantar e se sacudir como um cavalo espantando as moscas. Se quisessem, poderiam implodir o Partido amanhã de manhã (Orwell, 2021, p. 79). A parte difícil era justamente a conscientização, eles não poderiam se tornar cidadãos críticos sem uma educação que os habilitasse a isso, o que recebiam do governo era para mantê-los em letargia social, por isso não haveria de onde tirar consciência ou forças para mudar sua realidade social.

Mesmo que “o tempo todo, no seu estômago e na sua pele, havia algum protesto, uma sensação de ter sido enganado em relação a algo a que tinha direito” (Orwell, 2021, p. 68), Winston não conseguiu vencer o sistema. Isso era esperado, levando em consideração o estilo de escrita de Orwell e o seu objetivo ao escrever distopias. No final das contas, só restou ao protagonista se render ao Partido. Não havia como sustentar a sua rebeldia por muito tempo contra uma oposição em maior

número de aliados e de ferramentas para a perpetuação no poder. Quando confiou sua vida à uma amizade com O'Brien - membro do Núcleo do Partido e também titular de um cargo importante e discreto, que é revelado no decorrer da história - Winston decretou a sua ruína.

Ao passar por uma série de torturas, Winston é questionado por O'Brien o tempo todo e uma de suas perguntas é sobre o poder do Partido de controlar todas as memórias, mas Winston afirma que a sua não foi controlada, ao passo em que O'Brien responde:

- Ao contrário - disse. Você não a controlou. Isso foi o que o trouxe para cá. Você está aqui porque falhou em humildade, em autodisciplina. Não aceitou a submissão, que é o preço da sanidade. preferiu ser um lunático uma minoria de um. Só a mente disciplinada consegue ver a realidade. Você acredita que a natureza da realidade é autoevidente. Quando se ilude que está vendo algo, você presume que todo mundo está vendo o mesmo que você. Mas eu lhe digo, Winston, que a realidade não é externa; ela existe na mente humana e em nenhum outro lugar. Na mente individual, que pode cometer erros e logo perece; só na mente do partido, que é coletiva e imortal (Orwell, 2021, p. 269).

O objetivo de O'Brien não era transformar Winston em um mártir, mas sim convertê-lo em um verdadeiro admirador e seguidor da figura do Grande Irmão, rendendo-se totalmente ao poder do Partido, "o poder está em infligir dor e humilhação, [...] está em estilhaçar a mente humana e colar os cacos de volta de um jeito que você escolha" (Orwell, 2021, p. 288). Assim, o que acontece depois dos três estágios da reintegração de Winston é o sucesso do Partido, em conseguir extinguir

qualquer faísca da tomada de consciência e rejeição à opressão no protagonista: "duas lágrimas com aroma de gengibre pingaram das laterais de seu nariz. Mas estava tudo bem, tudo bem, a luta estava encerrada. Ele tinha conquistado a vitória sobre si mesmo. Amava o Grande Irmão" (Orwell, 2021, p. 320).

Nas obras 1984 e A Revolução dos Bichos, o tema relacionado à Memória, Identidade e Linguagem exerce um papel crucial na manipulação e domínio das sociedades apresentadas por Orwell. Em 1984, o regime totalitário do Partido controla a memória coletiva através da constante alteração da história, manipulando a identidade das pessoas e impondo o Novidioma, com o objetivo de restringir o pensamento crítico e limitar a expressão individual.

De maneira semelhante, no romance A Revolução dos Bichos, os porcos distorcem os fatos da revolução para fortalecer seu poder e reforçar seu domínio sobre os demais animais. A linguagem é utilizada como uma forma de controle, com os porcos alterando aos poucos os mandamentos originais da revolução para justificar seu comportamento autoritário. Dessa forma, a manipulação da memória, identidade e linguagem é apresentada como um meio de controle e opressão, ressaltando a importância da resistência e da preservação da verdade histórica para garantir a liberdade e dignidade dos indivíduos.

6 Considerações finais

Ao longo deste trabalho, foi realizada uma análise das obras *1984* e *A Revolução dos Bichos*, de George Orwell, apresentando a relevância do discurso distópico utilizado pelo autor. A princípio, a presente pesquisa demandou um estudo sobre o discurso, na perspectiva de Fairclough (2001), como um modo de ação capaz de influenciar e transformar a sociedade. Para Orwell, posicionar-se socialmente e politicamente por meio do seu trabalho literário representava um compromisso ético, uma vez que o seu contexto social era repleto de repressão e desigualdade.

No desenvolvimento deste estudo, foram evidenciadas as formas de controle social por meio do revisionismo histórico e da manipulação da linguagem, tema recorrente na literatura orwelliana. Com a revisão dos Setes Mandamentos e a criação do Novidioma, por exemplo, Orwell apresenta dois universos diferentes nas obras, mas que são regidos por lideranças totalitárias que faz uso da Memória, da Identidade e da Linguagem como ferramentas de controle para perpetuação do poder. Com os mecanismos da força física e da manipulação da mente, os detentores do poder transformam os seus liderados em seres apáticos que vivem em letargia social, incapazes de se defenderem das injustiças.

Esta pesquisa também enfatizou a importância da Memória, da Identidade e da Linguagem como ferramentas para combater governos totalitários. Com a preservação da memória, as pessoas possuem registros dos eventos históricos e dos valores fundamentais

que definem a identidade coletiva, para resistir em regimes totalitários que reescrevem a história e distorcem a verdade. A identidade individual fortalece o senso de pertencimento a um povo e promove a união entre cada cidadão, e a linguagem é o instrumento pelo qual as ideias são comunicadas e os discursos são articulados, possibilitando o livre diálogo e a troca de informações entre todos.

Além disso, sob a ótica da literatura intra-autoral, o presente trabalho descreveu a relevância do estudo da estética literária de George Orwell e o seu posicionamento político na resistência a regimes totalitários, estabelecendo conexões significativas entre ficção e realidade. Assim, que este estudo possa servir de estímulo para que mais investigações sobre o tema sejam desenvolvidas e para que o legado literário de Orwell e seu impacto na consciência política e social sejam perpetuados.

REFERÊNCIAS

- BRIZZOTO, Bruno. **Controle do passado e manipulação memorial em 1984**. Revista Athena, Rio Grande do Sul, vol. 13, nº 2: p. 38-56, outubro, 2017.
- CARVALHAL, Tânia Franco. **Literatura comparada**. 4ª ed. São Paulo: Ática, 2006.
- FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília: UnB, 2001.
- FERNANDES, Renata; CARVALHO, Flaviane. **Linguagem e poder na ficção: uma análise crítica do discurso da obra 1984, de George**

Orwell. **Revista Trem de Letras**, Alfenas, vol. 8, nº 1, mar, 2021, p. 1-26.

FERREIRA, J. Carlos. George Orwell: anti-imperialista, socialista e patriota (1927-1942). **BonD**, Lisboa, p. 123-131, 2015.

ORWELL, George. **A revolução dos bichos**. São Paulo: Pé da Letra, 2020.

ORWELL, George. **1984**. São Paulo: Tricaju, 2021.

ORWELL, George: **Por que escrevo e outros ensaios**. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2006.

TAVARES, Débora. **A escrita política de George Orwell**. São Paulo: Pimenta cultural, 2023.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

ROSSI, Paolo. **O passado, a memória e o esquecimento: seis ensaios da história das ideias**. São Paulo: Unesp, 2010.